

## Um dos meninos

Neuza Nascimento<sup>1</sup>

Eram meninos de rua. Alimentavam-se dos restos da comida que os garçons jogavam, tarde da noite, nos latões que ficavam na calçada.

Todos tinham um vício e para mantê-lo, não hesitavam em puxar a bolsa do ombro ou celular da cintura de algum incauto que caminhava sem se dar conta do perigo que corria.

Vendiam o fruto do roubo num morro próximo onde já tinham clientes certos que não se interessavam em saber a procedência do que compravam ou então, para policiais da área, que eram coniventes com a história.

Assim iam sobrevivendo.

Passavam o dia perambulando em bando ou em duplas pela cidade, dormiam tarde da noite e eram acordados pelo sol batendo em seus rostos sujos.

Ninguém os via, eram invisíveis.

Eram filhos de ninguém. Donos de ninguém.

À noite, depois de saciarem o vício, a fome, e o cansaço os vencer, iam para debaixo da marquise, sempre a mesma, entre uma loja de sapatos e uma outra que há muito não abria suas portas. Se enrolavam em cobertores imundos onde um usufruía do calor do outro pois, na madrugada a rua era sempre fria.

Transavam uns com outros sem discriminação; menino ou menina era a mesma coisa. Não sabiam o que era amor. Nesta hora o que tinham era um sentimento de desejo, prazer, posse, raiva, alegria, domínio.

Sequer conseguiam sentir amizade uns pelos outros, estavam ocupados demais com a própria sobrevivência.

De vez em quando, um saía para dar um “rolé” sozinho e não voltava. Os outros não perguntavam por ele. Depois de certo tempo de ausência chegavam à conclusão que tinha se metido em alguma confusão e fora morto ou estava preso em alguma instituição para menor infrator. Nunca pensavam na possibilidade de ele ter voltado para casa.

---

<sup>1</sup>Escritora, artesã, educadora social, palestrante, transcritora de áudios; produtora, editora e revisora de textos. “Um dos Meninos” faz parte do meu primeiro livro a ser publicado cujo título, à princípio, é “A vingança da mulata e outros contos”, a ser lançado em E-book até julho próximo. E-mail: neuzaciaca@gmail.com

Na semana anterior, um dos meninos foi acordado por uma convulsão violenta e, pouco depois, cessada a convulsão, começou a tremer de frio. Seu corpo ardia em febre.

No início os outros meninos tentaram cuidar dele como podiam, mas depois desistiram e se foram, mudaram de lugar. Nenhum deles pensou em pedir ajuda. Só queriam afastar-se.

Em pouco tempo estava com a pele quase colada aos ossos. Evacuava e vomitava sem parar.

As pessoas passavam e faziam questão de virar o rosto para não ver aquele montinho sujo, embrulhado num cobertor, largado no chão.

Estava sozinho.

No terceiro dia de agonia, por volta das seis da manhã quando já não tinha forças para se mexer, abriu os olhos embaçados pela fraqueza e desidratação e viu uma mulher caminhando em sua direção. Era uma negra forte de canelas finas. Usava uma saia rodada e florida abaixo dos joelhos. Não conseguia ver seu rosto.

Quando ela chegou mais perto percebeu que tinha um pano bonito amarrado à cabeça e arrastava atrás de si um carrinho de feira com comida para gatos.

Parecia sua mãe.

Mas não era possível, presenciara sua morte há muito tempo atrás. A mulher chegou perto dele, encostou o carrinho na parede e se abaixando lhe fez um carinho, desanuviando seus olhos um pouco. Tirou da bolsa uma garrafinha de água e o ajudou a beber em pequenos goles. O que ele fez com certo esforço, quase se engasgando. Depois tirou do carrinho, que parecia conter de tudo, um pacote de biscoito, amassou alguns na palma da mão e molhou com um pouquinho de água para facilitar e foi colocando aos bocados na boca do menino. Mas sua boca ressecada e os lábios rachados o impossibilitavam de comer. Ela olhou o menino nos olhos e disse: - durma um pouco meu neguinho, descanse. Não se preocupe, logo virá alguém buscar você.

Ele quis agradecer, mas a voz não saiu. Fechou os olhos, dormiu e ela se foi. Onze e pouco da manhã o corpo frágil e sem vida foi levado.

Ninguém sentiu sua falta.